

Editorial

COM SUA ABORDAGEM MATERIAL, OS ESTUDOS DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO TÊM PERMITIDO novas relações críticas com a criação artístico-literária, menos afeitas ao peso romântico que parece, por vezes, assombrar o campo, em formas derivadas de valorização da figura autorial. A resistência a conceber a criação como um processo, e a aceitar a importância de seu estudo, é particularmente maior no âmbito da elaboração conceitual, as ideias parecendo resistir obstinadamente a se desfazer de sua carga platônica. A disciplina filosófica, particularmente afeita à exegese, mostra-se pouco receptiva a discutir algo que não seja a formulação final de uma ideia. Todavia, o processo de elaboração de conceitos pode conter potencialidades que a obra final não esgota e que podem servir a indicar novas direções do pensamento de um autor. Acreditando nisso, propusemos um número que almeja romper a resistência do campo teórico ao estudo dos processos criativos. Trata-se de reposicionar a elaboração conceitual, apontando os sentidos que emergem através do estudo material do processo de criação. A importância de tal estudo se fortalece com o interesse crescente que instituições tem demonstrado pelos espólios de pensadores e filósofos – nos últimos anos, por exemplo, a Biblioteca Nacional da França mobilizou mecenas para custear a aquisição dos arquivos de Guy Debord, em 2010, e de Michel Foucault, em 2013. Isso não significa, porém, que a gênese do conceito deva limitar-se ao estudo de teóricos. Conceitos são elaborados tanto na escrita crítica quanto na criativa. Escritores, cineastas e artistas também produzem e criam conceitos – e por isso, devem também ter suas ideias perscrutadas enquanto processo constante de elaboração e reelaboração. O número que aqui apresentamos constitui um primeiro esforço nesse sentido, podendo indicar uma direção de estudos a ser aprofundada.

Abrindo a revista, temos o artigo de Thiago Leão Antunes, que escreve sobre a gênese do conceito de “signo” na obra de Gilles Deleuze. Esse conceito, que teve uma longa história de elaborações e reelaborações, foi pensado a partir de diálogos com os mais diferentes textos: no afastamento da concepção de Saussure, nas trocas com Ferdinand Alquié e, evidentemente, com as leituras de Marcel Proust. A ideia de que a publicação de um livro não põe fim à gênese de um texto é confirmada com a leitura desse artigo: cada novo emprego do conceito de “signo” contrapõe-se aos precedentes, o que faz com que todos os usos anteriores ganhem uma nova significação.

Em seguida, Gabriel Zacarias procura aclarar um aspecto específico da principal obra de Guy Debord, *A sociedade do espetáculo* (1967). O autor apoia-se na documentação do Fundo Guy Debord da Biblioteca Nacional da França, servindo-se tanto dos manuscritos da obra quanto das fichas de leitura do autor. Estuda notadamente a leitura que Debord realizou de outra obra, *La Fausse Conscience* (1962), de Joseph Gabel, da qual extraiu e alargou conceitos clínicos para a compreensão dos processos sociais que aborda em sua própria teoria. A partir daí, propõe ainda uma reflexão sobre o presente em diálogo com ensaio recente de Jonathan Crary.

Os arquivos consultados por Cassiana Lopes Stephan no IMEC (*Institut Mémoire de l'Édition Contemporaine*), na França, permitiram o entrecruzamento de escritos de trabalhos tão distintos como os de Michel Foucault, Jean-Pierre Vernant e Marguerite Duras. No artigo, percebemos que ideias como o amor e a morte não devem ser dissociadas das imagens que sempre as acompanharam. Interrogando as figuras do espelho e da medusa, Lopes Stephan coloca-se na intersecção entre a filosofia, a antropologia e a literatura para aproximar-se de uma visão menos utópica desses termos, negando o seu caráter universal e trazendo-os para a experiência do tempo presente.

Amayi Soares Koyano escreve sobre a gênese do livro *Mobile*, do escritor francês Michel Butor, fruto de sua primeira viagem aos Estados Unidos. Para fazê-lo, articula os datiloscritos com seus ensaios, particularmente “Le livre comme objet”, todos publicados em suas obras completas. Percebe-se, no artigo, o olhar particular que o escritor lança sobre a escrita: para ele, todo texto é elaborado a partir do conhecimento dos processos de escrita de outros textos. Nesse sentido, não é possível distinguir a escrita literária e experimental da crítica literária desenvolvida por Butor. É por isso que Koyano propõe uma leitura em mão dupla: por um lado, os textos experimentais podem ser compreendidos como parte de um esforço de elaboração conceitual e, por outro, os seus ensaios podem ser vistos na sua dimensão discursiva, ou seja, como estratégias para dar a palavra aos outros.

Ampliando o diálogo da literatura ao cinema, Valdir Olivo Júnior interroga a noção de violência na obra do escritor argentino Edgardo Cozarinsky. Para fazê-lo, o autor reflete sobre as produções que o escritor havia rejeitado, classificando-as como parte de sua “pré-história”. Ele aborda a forma como Cozarinsky havia pensado o tema da violência durante o regime de Juan Carlos Oganía. O artigo mostra como o conceito de violência desenvolvido nessa época reaparece no filme *Puntos Suspensivos*, desdobrando-se em diferentes linguagens e contextos.

Na seção “Comentários”, trazemos um texto importantíssimo, que nos ajuda a compreender a história da crítica genética. Philippe Willemart escreve sobre a gênese do *scriptor*, conceito fundamental para esse campo de estudos. O autor escreve sobre a primeira elaboração da ideia, com Almuth Grésillon em 1983, bem como sobre suas próprias contribuições, desenvolvidas a partir de leituras de Flaubert, Proust e Henry Bauchau.

Milena Ribeiro Martins trabalhou o processo de escrita de um conto de Monteiro Lobato, “Duas Cavalgadas”, comparando suas duas variantes: a primeira foi publicada em 1923 na *Revista Brasil* e a segunda foi inserida no livro *O macaco que se fez homem*. Nesse conto, percebemos como Lobato desenvolve uma conceituação particular das relações entre o processo de criação literária e as suas relações com a realidade. Para o personagem-narrador do texto, é a literatura que molda a nossa percepção da realidade: o narrador procura, nas ruas do Rio de Janeiro, os equivalentes de personagens clássicos da literatura.

A seção “Tradução” contém dois textos. O primeiro, escrito em inglês por Anthony Cordingley e Chiara Montini e traduzido em português por Juan Manuel Terenzi, mapeia os mais importantes trabalhos dos estudos genéticos da tradução, que analisam a gênese de textos traduzidos. A visão panorâmica trazida pelo artigo mostra como esses estudos reforçam a ideia de que todo texto está, por natureza, em constante processo de construção. Isso porque a tradução transforma o texto de base em um *avant-texte*, fazendo com que ela receba uma autonomia relativa com relação a ele.

O segundo texto da seção é uma tradução feita por Paulo Procopio Ferraz de um ensaio em francês de Bruno Clément. O artigo trata das maneiras pelas quais Henri Bergson pensava a leitura e a escrita de textos filosóficos. Ora, segundo Clément, se seguirmos à risca o método bergsoniano de leitura, toda a tradição filosófica deve ser revista. Isso porque o conceito não é uma maneira rigorosa de definir uma ideia, mas uma espécie de metáfora que exprime, de maneira muito imperfeita, o pensamento que a fabricou. O conceito origina-se, então, de uma determinada intuição que nunca pode ser atingida pelo leitor. Isso significa que todo texto filosófico deve ser lido como uma série de metáforas das quais o sentido próprio está perdido para nós. Essa abordagem tornaria qualquer texto filosófico literalmente ilegível, a não ser que pudéssemos desenvolver um novo tipo de leitura, que apagaria as fronteiras tradicionalmente estabelecidas entre literatura e filosofia.

Esse é, talvez, um dos mais importantes temas em comum nos textos que a *Manuscritica* apresenta com essa nova edição. De fato, todos os textos refletiram, de diversas maneiras, sobre a gênese do conceito através de um estreito diálogo com as formas literárias ou artísticas. Isso não deve surpreender o leitor: de fato, como seria possível pensar o conceito abstraíndo-o de seu processo de elaboração? E como negar o que esse processo deve às instâncias que, tradicionalmente, atribuímos às produções estéticas, como a narração, a produção de imagens e a metáfora? São essas questões que os textos que trazemos neste número procuram, cada um à sua maneira, investigar.

Gabriel Zacarias

Max Hidalgo

Paulo Procopio Ferraz

Manuscritica Revista de Crítica Genética

São Paulo n. 39 • 2019

Conselho Editorial

Almuth Grésillon, Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM/CNRS)

Alicia Duhá Lose (UFBA)

Aparecido José Cirillo (UFES)

Carla Cavalcanti e Silva (UNESP – Assis)

Cecília Almeida Salles (PUC-SP)

Claudia Amigo Pino (USP)

Elida Lois (Universidad Nacional de San Martín – Argentina)

Erica Durante (Brown University-EUA)

Irène Fenoglio (ITEM-CNRS)

Isabel Cristina Farias Lima (UFRS)

Márcia Ivana Lima e Silva (UFRS)

Marcos Antonio de Moraes (IEB – USP)

Maria Eunice Moreira (DELFOS–PUC-RS)

Miguel Rettenmaier (UPF)

Mônica Gama (UFOP)

Noêmia Guimrães Soares (UFSC)

Philippe Willemart (USP)

Roberto de Oliveira Brandão (USP)

Rosa Borges (UFBA)

Sergio Romanelli (UFSC)

Sílvia Maria Guerra Anastácio (UFBA)

Telê Ancona Lopez (IEB – USP)

Verónica Galíndez (USP)

DIAGRAMAÇÃO

Sofia Helena Arneiro Lourenço Barbosa

ILUSTRAÇÕES

Capa – Dayane de Oliveira

Manuscrito de Michel Butor

Manuscrita é uma publicação da

Associação de Pesquisadores

em Crítica Genética (APCG) e da

Pós-Graduação em

Letras Estrangeiras e Tradução

Universidade de São Paulo

com o apoio da CAPES

DIRETORIA APCG

Presidente - Edson do Prado
Pfutzenreuter (Unicamp)

Vice-presidente - Léa Hafter
(Universidad Nacional de la Plata)

Tesoureira - Katherina Blasques Kaspar
(USP)

Secretária Geral - Elizama Almeida
(PUC-RJ)

Secretária de divulgação - Amayi Koyano
(USP)

Secretária Geral suplente – Maria da Luz
Pinheiro de Cristo (Unila)

1º suplente: Patrícia Kiss Spinelli (PUC-
SP)

2º suplente: Thiago Leão Antunes (USP)

3º suplente: Wagner de Miranda (USP)

EDITORES DESTA EDIÇÃO

Gabriel Ferreira Zacarias (Unicamp)

Max Hidalgo Nácher (Universitat de
Barcelona)

Paulo Procopio Ferraz

SECRETARIA DA EDIÇÃO

Dayane Oliveira (UFOP)

EQUIPE EDITORIAL

Aline Novais de Almeida

Claudia Amigo Pino

Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Mônica Gama

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira

E-mail: manuscritica@gmail.com

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós- Graduação em Letras
Estrangeiras e Tradução

Coordenador da Pós-Graduação

Prof. Dr. Álvaro Silveira Faleiros

Vice-Coordenadora:

Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada